



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**NÃO TE ESQUEÇA DA TUA CONSTANCINHA...**

Eliane Marta Teixeira Lopes\*

Como se sabe, são tortuosos os caminhos da pesquisa. Há quem os siga retamente: nada de olhar para os lados ou para trás, dar volteios, ou cansar e por um fim. Entre esses, apesar de minha admiração, não me incluo. Voltar é o que mais faço, mesmo que com muitos riscos: perco-me no caminho ou acho novos objetos e sujeitos. Foi dessa maneira que me deparei com Constância Guimarães. Buscava, no Arquivo Público Mineiro, documentos sobre educação musical nas regiões de Vila Rica e Mariana nos séculos XVIII e XIX quando esse nome de mulher, e nomes de mulheres são raros em arquivos públicos, chamou-me atenção. O fato de ser mulher alfabetizada e ter uma escrita correta e boa caligrafia já chama a atenção de uma historiadora da educação.

Quem terá sido? Ondé e como viveu?

O Arquivo Público Mineiro (APM) foi criado em 1895 por José Xavier da Veiga, e guarda milhares de documentos de origem pública e privada dos períodos colonial, imperial e parte do republicano. Além de manuscritos e impressos, o arquivo reúne mapas, plantas, fotografias, gravuras, filmes, livros, jornais, folhetos e periódicos. Foi no Guia de Fundos e Coleções que encontrei a primeira referência à Coleção Constância Guimarães, que assim descrevo sumariamente:

\* Professora emérita da UFMG. Professora Visitante Sênior CAPES PPGE-UFOP. Professora Titular aposentada de História da Educação FaE-UFMG.

## História Cultural

### COLEÇÃO CONSTÂNCIA GUIMARÃES - CÓDIGO CG

A documentação foi doada ao APM por José Guimarães Alves. Conteúdo: Oito cartas de Constância para familiares: a primeira delas é datada de 27 de maio de 1887, das outras, não tendo data, podemos imaginar que sejam de 1888, ano em que morreu. Contam sobre a vida em Ouro Preto, seu estado de saúde, notícias da família e dos amigos e seis fotografias de família e amigos.

As cartas estão transcritas a lápis, em papel do mesmo tamanho que o dos originais, com a mesma disposição do texto sobre ele, a mesma ortografia e cada uma está em uma pasta e todas as pastas em uma caixa. Acompanham as cartas, dentro da mesma caixa (Série 2 s/d), dois documentos datilografados e sem assinatura. Um deles é um texto de José Guimarães Alves sobre a família e trazendo as chaves de leitura da parentela citada por Constância nas cartas; o outro é a descrição da coleção.

### RETRATO 3x4

Constância Guimarães nasceu em Ouro Preto em 1871 e morreu em 29 de dezembro de 1888<sup>1</sup>, também em Ouro Preto, vitimada pela Peste Branca. Era filha do escritor Bernardo Guimarães e de Teresa Maria Gomes Lima (Guimarães) que geraram seis filhos e duas filhas, Isabel e Constância. Seu prenome era como que uma herança de família: sua avó paterna chamava-se Constância e várias primas tinham o mesmo nome. Consta que Constância foi noiva de seu primo e também poeta Alphonsus de Guimarães – que é citado pelo seu nome de família Affonso Albino, em uma de suas cartas.

Seu rosto nos mostra uma moça morena de olhos rasgados, sobrancelhas grossas, nariz largo, cabelos cacheados, repartidos ao meio, com uma franja bem anelada, presos à nuca com discrição. Não há propriamente um penteado, é só um jeito de estar arrumada para a ocasião. O que há de melhor na foto é o seu sorriso. Como quem segura o riso...

<sup>1</sup> *Faleceu no dia 29 do mez proximo passado, nesta capital, a joven D. Constança Guimarães, filha do grande poeta mineiro Dr. Bernardo Guimarães. A família da inditosa joven dirigimos sinceros pezames.* A União - Ouro Preto – 2 de janeiro 1889. N°236 p.2.

A grafia do seu nome aparece nessa notícia diferente da maneira como os parentes a registram. Cf. Documento do APM.

ou como quem se deixa fotografar em generosa concessão. É sorriso de moça inteligente que, sem trejeitos de sedutora, certamente seduz.

### ONDE VIVEU

A Ouro Preto do XIX vive o remorso da Vila Rica do XVIII. Delações, traições, assassinatos e uma cabeça de homem exposta em praça pública deixa marcas nos lugares e nas gentes.

Em 1811, o aniversário de cem anos da Vila não foi comemorado<sup>2</sup> mas o século XIX começara com fausto para todo o Brasil. O rei de Portugal chegou, a Colônia tinha esperanças de mudança. Mudanças vieram: em 1822 a Independência foi proclamada e Vila Rica recebeu o título de Imperial Cidade, conferido por dom Pedro I do Brasil, tornando-se oficialmente capital da então província das Minas Gerais e passando a ser designada como Imperial Cidade de Ouro Preto; em 1834 o Ato Adicional e a Igreja começaram a organizar procedimentos que visavam a que se conhecesse melhor o país e sua população, para melhor controle administrativo e fiscal e para o recrutamento militar. Em 1842, irrompeu a Revolução Liberal envolvendo mineiros e paulistas, opondo liberais e conservadores, e revelando projetos políticos em conflito e combate. Os liberais mineiros ficaram conhecidos como "luzias" em razão da batalha perdida para Caxias em Santa Luzia.

Em 1807 o memorialista Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos descreveu a cidade:

Bem que suntuosa, e entre serras, a vila, como fica visto, não é contudo desagradável. De qualquer ponto dela que se levante a vista, nota o espectador casas solitárias penduradas dos morros com suas hortas e pomares; árvores de longe em longe, montes a uma parte vestidos de relva e a outra escavados e fendidos, obras dos serviços minerais. Deles descem em grande cópia as melhores águas a prover as infinitas fontes, e dezessete magníficos chafarizes espalhados pela vila, entre os quais um existe de excelentes águas férreas(...)<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Em 2011 o Bicentenário, 1911, foi lembrado com vistosa publicação: *OURO PRETO: cidade em três séculos. Bicentenário de Ouro Preto Memória Histórica (1711-1911)*. Organização, ensaio crítico e linha de tempo de Maria Francelina S.I. Drummond. Ouro Preto: Liberdade. 2011.

<sup>3</sup> VASCONCELOS, Diogo Pereira Ribeiro de. *Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais*. Estudo crítico por Carla Maria Junho Anastasia; transcrição e pesquisa histórica por Carla Maria Junho Anastasia e Marcelo Cândido da Silva. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994

Talvez essa tenha sido a Ouro Preto que Constância ainda viu, a Ouro Preto onde viveu, mas ela não chegaria a ver as melhorias pelas quais passou, como também não veria o abandono a que foi delegado Ouro Preto.

No início dos anos 1890, a cidade passara finalmente a contar com inúmeras melhorias, tais como: o ramal ferroviário – ainda uma obra do Império, inaugurada em 1889 por d. Pedro II –, ligando o tronco da agora chamada Central do Brasil; o calçamento de ruas; a iluminação elétrica; a água encanada; o efêmero serviço de bonde iniciado na década anterior; a criação e funcionamento de colégios e ginásios; o Lyceu de Artes e Ofícios; a nova Escola Livre de Direito; o já mencionado Archivo Publico Mineiro; a Imprensa Official; a realização de exposições, concertos, encenações, temporadas líricas no Theatro; enfim, a crescente frequência de artistas, professores, escritores e políticos de projeção nacional. Todavia, a despeito de todos esses benefícios, Ouro Preto sofreria, subitamente, um processo de abandono e desprezo, a partir de 12 de dezembro de 1897, quando definitivamente perdeu a condição de capital de Minas Gerais.<sup>4</sup>

### UMA CIDADE PARA SER LINDA DE SE VER

Desde que o ouro despontou nas bateias, nas minas, uma beleza plástica foi invadindo a Vila Rica emoldurada por sua paisagem natural escarpada e de difícil acesso e movimentação.

Construção de capelas, construção de matrizes, o Triunfo Eucarístico, o Áureo Trono Episcopal; imagens vindas de Portugal, artefatos religiosos, mobiliários suntuosos, arquitetos que elaboravam plantas das construções religiosas e públicas; artistas escultores (Aleijadinho!) pintores (Mestre Athayde!); músicos, compositores (Lobo de Mesquita!; Castro Lobo!); instrumentos requintados (órgão da Sé, em Mariana).

E as letras... uma cidade que se contava pelos seus poetas: Cláudio Manoel da Costa (Poema de Vila Rica – 1773 - *Cantemos, Musa, a fundação primeira/ Da Capital das Minas, onde inteira/ Se guarda ainda, e vive inda a memória/ Que enche de aplauso de Albuquerque a história*); seus poetas que cantavam suas amadas: Tomas Antônio Gonzaga (Lira XXXI *Minha Marília,/ Se tens beleza,/ Da natureza/ É um favor./ Mas se aos vindouros/ Teu nome passa,/ É só por graça/ Do Deus de amor,/ Que, terno, inflama/*

<sup>4</sup> GIANNETTI, Ricardo. *Henrique Bernardelli em Ouro Preto*. 19&20. v. IV, n.4, out. 2009. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/artistas/hb\\_ouropreto.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/hb_ouropreto.htm)

*A mente, o peito/ Do teu pastor.); Alvarenga Peixoto ([1780c.] *Bárbara bela/ Do Norte estrela,/ que o meu destino/ Sabes guiar,/ De ti ausente,/ Triste somente/ As horas passo/A suspirar*); poetas que criticavam os governantes: Tomás Antônio Gonzaga, (*Cartas Chilenas* [1788c.]: *Pensavas, Doroteu, que um peito nobre,/ que teve mestres, que habitou na corte,/ havia praticar ação tão feia/ na casa de um fidalgo,/ distinto pelo cargo que exercia/ e, mais ainda, pelo sangue herdado?/ Pois ainda, caro amigo, não sabias/ quanto pode a tolice e vã soberba.*)*

- O século XIX continuou a escrita do XVIII, mesmo com fraca produção poética e ficcional, mas com intensa produção jornalística (entre 1820 e 1840 foram identificados 22 títulos em Ouro Preto<sup>5</sup>); relatos de viajantes narrando dos costumes, das sociabilidades, das riquezas minerais, da flora e da fauna compondo uma literatura *de Minas Gerais*. Apesar desse hiato literário propriamente dito, o nome de Bernardo Guimarães (1825-1884) surge no século XIX com a força do romance regionalista que tenta se desvincular dos padrões europeus de literatura (Escrava Isaura) e com os poemas satíricos, burlescos, eróticos e pornográficos (O Elixir do Pajé *Que tens, caralho, que pesar te oprime/ que assim te vejo murcho e cabisbaixo...*) que na católica Ouro Preto faziam corar um frade de pedra.

Poeta satírico e amoroso, romancista histórico e regionalista, crítico dos costumes, abolicionista, indianista, professor, juiz de direito, polemista, Bernardo é uma síntese do intelectual das Minas Gerais novecentista no seu melhor estilo.<sup>6</sup> (FREITAS, p.228)

Quando Bernardo Guimarães morreu, Constância tinha apenas treze anos e morreria quatro anos depois. No entanto, a ironia, a expressividade, a contenção na adjetivação, a fina crítica aos costumes, a correção ortográfica e gramatical, e a capacidade narrativa estão contidas em todas as suas cartas revelando, no mínimo, convivência com o mundo das letras.

Essas cartas, e não tendo as respostas impede-me chamá-las correspondência, fazem parte do que a historiografia chama de “escrituras ordinárias”, ou escritos “sem

<sup>5</sup> BARATA, Alexandre Mansur. Do secreto ao público: espaços de sociabilidade na Província de Minas Gerais (1822-1840). In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das (Orgs.) *Repensando o Brasil do Oitocentos cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2009. P.57.

<sup>6</sup> FREITAS, Marcus Vinicius de. A literatura na Província: “todos os gêneros”. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage e VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.) *A Província de Minas*, 2. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Companhia do Tempo, 2013. P.221-235

qualidade”.<sup>7</sup> Se destituída de sua filiação a remetente dessas cartas seria apenas uma jovem a viver em uma cidade do século XIX que produziu um conjunto artístico raro, encravada no interior do Brasil, de muito difícil acesso, historicamente e paulatinamente espoliada de sua riqueza que, aliás, vem anunciada em seu nome. Esse lugar é amado por Constância que em uma carta à prima que mora na Corte diz:

Por mais que eu queira pensar que está muito satisfeita ahi, não posso acreditar que uma mineira, livre filha das montanhas accostumada a respirar o ar livre de sua terra, possa viver suando 24 horas por dia e ouvindo conversas estúpidas e insensatas d’essas tagarellas fluminenses. Só a Nikita é que pode apreciar isso, mas tu és muitíssimo inteligente. Deixem dizer o que quizerem, o atrazo da nossa terra tem sua poesia. (04)

O conteúdo delas traz informações sobre as relações familiares, fuxicos de aldeia, casamentos, mortes e dados impressionantes sobre a doença que a maltratava. Mas *exumadas do sótão como dos arquivos oficiais, não revivem, como a Bela Adormecida, no seu frescor original e na sua espontaneidade luminosa. Elas não podem ser consideradas como espelhos fieis da realidade.*<sup>8</sup> Ao contrário, são quase um programa de pesquisa que propondo perguntas e problemas, mais escondem que revelam. Como *elos de uma cadeia* ou como traços (pistas e sinais) de muitas vidas apenas vislumbradas, às vezes por discrição às vezes por ser esta mesmo a maneira de se escrever uma carta para quem é íntimo, nunca imaginando que vão atravessar 137 anos e servir de objeto de estudo, mostram nomes que a história consagrou (Pandiá Calógeras, Henri Gorceix, por exemplo) ou nomes sem sobrenome (Samuel) personagens de fatos que a história tornou relevantes (a revolta das normalistas). A segunda carta nos traz os assuntos que constarão em todas as outras: os namoros, as relações familiares, a saúde de todos.

*Querida Sinhoca*

*01/02*

*Escrevo-te hoje para dar-te uma boa notícia, do contrário não te escreveria porque és uma ingrata que nem se lembra mais de mim, mas quero ter o prazer de te dar o prazer de saber que o Calógeras estava lá na quinta-feira, 21 do corrente, ele sahe amanhã.*

<sup>7</sup> DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver. Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena C. CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Crystina Venancio (orgs). *Destinos das letras história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF. 2002.

<sup>8</sup> DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver. Cartas familiares no século XIX. P.76

*Talvez tu te rias de eu fallar n'essa creatura, e dirás: que ingenuidade pensar que eu ainda penso em semelhante homem!*

*Estou em casa de Ihá, vim passar alguns dias junto d'ella enquanto o Sr Gorceix sahiu.*

*Não escrevo mais, nem a ti nem à Nikita, enquanto ambas não me escreverem.*

*Tanto elle como tu teêm escripto a Fanny, Caluta e Ihá, e a mim nem lembranças.*

*Não tenho mais nada a dizer-te, sinão que estamos todos de perfeita saúde.*

*Muitas lembranças a Nikita, Norica Julinha, Luluca, Tia Maria e a todos, enfim.*

*De tua amiga que te abraça*

*Constancinha*

*vire*

*P.S. A Ihá disse que amanhã vai escrever a Tio J. Caetano para agradecel-o e dar providências a respeito da encomenda que elle fez.*

Sinhoca, a destinatária, era Elisa, filha de um irmão de Bernardo Guimarães, morava no Rio de Janeiro, e Calógeras, viria a ser mais tarde, João Pandiá Calógeras engenheiro, geólogo e político brasileiro, deputado federal por Minas Gerais, ministro no governo Venceslau Brás. Um namoro um tanto desdenhoso é mostrado entre os dois – que apesar disso ou por causa disso, resultou em casamento – e é Constância que em muitas cartas dá notícias dele, que a essa época era estudante na Escola de Minas. Ihá, irmã de Elisa, também se chamava Constância, era casada com Henri Gorceix, importante convidado de D. Pedro II para criar a Escola de Minas.<sup>9</sup>

Meu primeiro ponto para uma pesquisa abre-se a partir da presença dessas mulheres nas cartas. Ihá, nascida em Ouro Preto em uma família importante (seu pai, Joaquim Caetano de Silva Guimarães, foi juiz do Supremo Tribunal de Justiça do Império), sequer é mencionada nas notícias biográficas de Gorceix ou mesmo nas de seu pai.<sup>10</sup> Aliás, Elisa (Sinhoca), a esposa do político e cientista, também não é. Talvez a melhor qualidade das cartas de Constância seja a de dar-nos a possibilidade de tirar da

<sup>9</sup> É incontornável o estudo já clássico de CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Rio de Janeiro: FINEP, 1978.

<sup>10</sup> <http://www.em.ufop.br/em/diretores/gorceix.php>;  
<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stj&id=350>

sombra essas mulheres. Mulheres que viveram à sombra de seus importantes maridos, vítimas de seu tempo, mas às quais devemos um segundo tempo em escritas paralelas.

Samuel é personagem citado *en passant* na carta 03 e nos traz as reverberações de uma educação ausente dos livros de história, e suscitam questões para a pesquisa: Onde terá estudado Constância? Na Escola Normal?<sup>11</sup> No Colégio Providência de Mariana?

### *Querida Sinhoca*

.....  
*Á respeito o que me escreveste, digo que ignorava a revolta das normalistas contra o Samuel, mas se isso é verdade, julgo que essas moças não são tão estúpidas como eu pensava, apesar de que, nenhuma entrou em exame de arithmética e só a Ignez e a Paulina entrarão no de portuguez saindo reprovadissimas. As do segundo anno fizeram todas os exames e passarão para o 3° e as do 3° tirarão seus títulos.(...)*  
(03)

Os casamentos, namoros e mortes de interesse das primas são fartamente noticiados. De seu próprio noivado não fala e a menção ao noivo não chega a ser amorosa. Alphonsus de Guimarães é citado pelo seu nome de família Affonso Albino, em uma de suas cartas.

Sinhoca, o suplemento tem por fim dar-te uma novidade de que ia me esquecendo. O Affonso Albino perguntou-me haverá dous meses, o que eu achava melhor: elle ir para S. Paulo ou ficar aqui mesmo na Eschola de Minas. Eu respondi que era melhor elle ir para S. Paulo, porque elle tinha feito o último preparatorio para estudar Direito e tinha essa tenção e perguntei ao mesmo tempo o que o obrigava a ficar aqui, ou se tinha mudado de resolução. Elle disse que ia mesmo para S. Paulo, visto que era o meu conselho, mas depois de refletir um momento disse: Esperem bem que eu vá para S.Paulo, não vou, estudarei na Eschola. E assim foi ou é o idiota aqui ficou. Embora ficasse, poucas vezes o vejo porque esta estudando com affinco que não lhe dá tempo para mais nada..( 05)

<sup>11</sup> *A Escola Normal de Ouro Preto é reaberta de forma definitiva em 1871 através da lei n. 1769. Ela terá momentos de redefinição de sua organização, da grade curricular, dos métodos de ensino, mas sem que se questione sua existência. Nessa nova fase a Escola Normal da capital mineira previa a frequência comum de homens e mulheres em lições alternadas, tendo a duração de dois anos, sendo seu currículo composto pelas seguintes disciplinas: Instrução Moral e religiosa, Gramática da língua nacional, Aritmética, sistema métrico e elementos da geometria, noções gerais de geografia e história, geografia do Brasil, (mormente da província), leitura refletida da constituição, pedagogia, e legislação do ensino, uma aula de ensino linear e música. O objetivo da escola nesse momento, segundo o texto legal era preparar os professores para o trabalho na escola elementar, sendo uma extensão do mesmo.*  
A ESCOLA NORMAL DE OURO PRETO E O PROJETO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (1825-1852)<sup>1</sup>  
WALQUÍRIA MIRANDA ROSA. Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/165\\_walquiria.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/165_walquiria.pdf)



A biografia de Alphonsus de Guimarães nos dá conta de que a morte de sua noiva, em 1888, marcou profundamente sua vida e sua obra; seus versos, expressão do simbolismo espiritual, são melancólicos e musicais, repletos de dores, prantos e anjos<sup>12</sup>. Passou à história da literatura como o “solitário de Mariana” (apesar de casado e pai de 15 filhos) onde morreu aos 50 anos.

A morte do noivo da amiga é contada com a concisão necessária ao relato de uma tragédia:

Perguntastes-me pela Ethelvina: o noivo morreu e Ella esta desesperada, contudo Ella não fez nenhum berreiro no dia em que elle morreu, só o que ella fez foi cortar os cabellos e pôr dentro do caixão, cortou quase à escovinha, enfim, cortou quanto poudo. Quizerão impedil-a de fazer isso, mas ella disse que tinha prazer em tel-os compridos porque elle achava-os bonitos (e ella os tinha lindos) mas agora que elle não podia ver, levasse consigo... que se ella toda não ia é porque não havião de querer enterral-a viva, mas que em breve havia de ser enterrada morta. Eu acho que Ella morre mesmo, desde que o noivo morreu (que há talvez cinco dias) Ella não aceita alimento algum. Disse-me a mulher do -36- que Ella está em coma, vestida com uma camisa de dormir que foi d'elle, e que não dá uma palavra a ninguém, cumprimenta a todos com um sorriso tão triste q' se Ella chorasse não comoveria tanto. É muitíssimo infeliz a Ethelvina. A Mãe e o Pai della estão muito tristes com essa resolução, a mãe chora, o pai esbraveja, mas Ella não atende a cousa nenhuma. Dizem que o pai foi o autor da sua morte, porque os médicos disserão q' se elle cazasse saráva, mas o Sr Lopes não quis, por causa de um miseravel contô de reis q' o padrinho deixou para Ethelvina..(07)

Sua atividade de leitora crítica é mostrada em uma das cartas contando a leitura de dois romances de Enrique Perez Escrich.<sup>13</sup>

Acabei de ler dous romances d'Escrich: - O Manuscrito Materno – que tinha/tem fama de muito bom e é uma porcaria (desculpa-me a expressão) e – A Mulher Adúltera – que não te assuste o título, é um romance muito moral, e até beato, posto que seja muito ruim. Forão-me recommendados pelo Pantaleão como uma obra prima (ou duas).(05)

<sup>12</sup> Hão de Chorar por Ela os Cinamomos; Setenário das Dores de Nossa Senhora; Câmara Ardente; Dona Mística; Ismália

<sup>13</sup> Foi um escritor, romancista e dramaturgo popular, nascido em Valência em 1829 e falecido em 1897 na cidade de Madrid. Sua obra é extremamente religiosa. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Enrique\\_P%C3%A9rez\\_Esrich](http://pt.wikipedia.org/wiki/Enrique_P%C3%A9rez_Esrich). Confira também:

A pergunta imediata é: de onde vieram esses livros? Se a “devastação alcançou a Biblioteca Pública de Ouro Preto”<sup>14</sup>, que outras estratégias – além do empréstimo e recomendação de amigos que não eliminam a pergunta – eram usadas para a aquisição e circulação dos livros?

A perfeita saúde de que fala em algumas cartas, no entanto, não dura muito. Já na carta 03, desculpendo-se por não haver escrito diz *Tenho recebido uma série de cartas tuas, ás quaes não tenho respondido por estar muito burra e um pouco doente...* Podemos acompanhar essa situação e suas consequências agravarem-se ao longo de muitas até a última. A tuberculose ainda era, na última metade do século XIX, uma doença endêmica e devastadora. Irene Resende em, *O paraíso e a esperança vida cotidiana de fazendeiros na Zona da Mata de Minas Gerais*<sup>15</sup> relata de como essa enfermidade assolou sua família, as mulheres adultas, mas também as jovens que estudavam no Colégio da Providência em Mariana. A ser ainda estudada a presença, tratamentos e mortes de alunos e alunas internados/as em colégios e seminários vítimas da tuberculose.<sup>16</sup>

Nas cartas, vai contando os sintomas da tuberculose, a doença da qual não se podia pronunciar o nome: irritação, tosse, fraqueza, desinteresse e depressão... Conta os tratamentos bárbaros a que foi submetida, não relatados em nenhum dos artigos ou textos a que tive acesso.

**Na carta 04:**

*Perdoa-me se demoro á escrever-te, não tenho nada a dizer e estou tão zonha, ou tão estúpida que não sei ligar duas idéas. Minha querida, estou com um gênio insuportável; tudo me aborrece ainda que nada me contrarie. Se todos vissem minh'alma, encontrarião no fundo d'ella tanto desprezo da vida que ninguém me atturaria, pois eu mesma custo a me suportar.*

*Não vá dizer que a causa disso é falta de trabalho, não, não é. Quanto mais que eu tenho muito que fazer, e se não tivesse procuraria.*

*Cada moço que vejo me parece um vomitório (aqui n'esta rua é que é o passeio d'elles agora) a Isabelinha não sahe da janella e a toda hora grita: ah! vem Fulano. Isto me faz ter inveja d'ella. Se eu me me distrahisse com tão insignificantes cousas seria bem mais feliz.*

<sup>14</sup> MORAIS, Christiani Cardoso; VILLALTA, Luiz Carlos. Biblioteca nas Minas em tempos de civilização. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage e VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.) *A Província de Minas*, 2. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Companhia do Tempo, 2013. P.199-220.

<sup>15</sup> REZENDE, Irene Nogueira de. *O Paraíso e a Esperança – Vida Cotidiana de fazendeiros na Zona da Mata de Minas Gerais* (1889-1930), São Paulo, Ed. Humanitas, 2004

<sup>16</sup> Conferir também o excelente BERTOLLI Filho, Cláudio. *História Social da Tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

*Estou quase sã, a tosse é que me faz perder a paciência, mas eu acho que ainda não é dos pthísicos (salvo ortografia).*

**Na carta 06:**

*Principio dizendo que estou doente. Não te respondi, como me pediste, logo que recebi tua carta porque o D<sup>or</sup> Pedro me prohibiu de fazer qualquer trabalho que dependa de atenção, principalmente sendo preciso fixar o olhar. Se eu não estivesse vigiada teria escripto, apesar de eu ter tido experiência que isso faz-me mal, porque, não sei se foi a commoção que senti quando li tuas cartas e a da Nikita, que me fez passar muito mal o resto do dia. Agora não te digo a moléstia porque ficarás assustada, deixa para quando escrever outra vez, que, com certeza já estou sã. Hoje estou melhor.*

**Na 07:**

*Não te assuste mais com a minha moléstia, que foi uma cousa atôa: tive uma congestão pulmonar, e bem sabes que essa doença só tem perigo logo que attaca. Já não lanço mais sangue. Lançar sangue, propriamente foi só duas vezes: uma logo que adoeci e outra no dia em que recebi a tua querida carta, fóra disto só algumas golfadas ou escarros, isso mesmo já há seis ou sete dias que não tenho mais nada, só uma tosse muito amolladora.*

**Na 08, que é a última:**

*Deves estar furiosa commigo, e dou-te razão, mas depois que souberes que tenho continuado doente me desculparás, sim? Pois hoje, para te escrever, não fazes idea a violência que fiz sobre mim. Não é tendo a moléstia nem a bambeza que provém d'ella que me desanimão ou me desanimavão, era a falta de assumpto; nem mesmo eu sabia como principiar a carta. Mas desde que eu tive o que te dizer é que cahia e recahia doente.*

.....  
*Dizes que sentes muito calor e por isso tens inveja de mim, pois eu tenho muito mais de ti porque estou ficando corcunda por me encolher (não é cassuada, não) para evitar o frio no peito, onde eu sinto mais.*

*Aqui as jabuticabas estão dando com extrema abundancia, e dizem todos que são magníficas. Até n'isso tenho inveja de ti, porque eu vejo e não as posso comer. Desde junho que tenho tomado remédios, um após o outro, e, presentemente estou tomando dous e sendo fricionada nas costas com óleo de cróton, já é a 2a vez que uso deste ultimo que é mil vezes mais cáustico do que o iodo, digo isto porque o D<sup>or</sup> Pedro disse que o iodo não queimava quanto bastasse. Diga isso a Nikita para que Ella fique tão paciente quanto eu. Da primeira vez que me foi applicado esse remédio minhas costas, desde o pescoço até a cintura ficarão amarella de pus, e só quando ficarão assim é que fiz a ultima fricção, senti dôres horríveis e deppois uma cosseira que não era cosseira era uma cosseira infernal. D'esta ultima vez, agora é que tem as primeiras bôlhas.*

.....  
*Julinha escrevo-te agora, não com o intuito de aproveitar esta nesga, mas sim para não esfriar nossa correspondência - se não te escrevo mais é porque a luz se me somme dos olhos e a mão cansada desfalece.*

*Adeus, recebe um beijo de tua prima*

*Constança*

Ouro Preto setembro 2014  
Belo Horizonte novembro 2014

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARATA, Alexandre Mansur. Do secreto ao público: espaços de sociabilidade na Província de Minas Gerais (1822-1840). In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das (Orgs.) Repensando o Brasil do Oitocentos cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2009. P.57.

BERTOLLI Filho, Cláudio. História Social da Tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Rio de Janeiro: FINEP, 1978.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver. Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena C. CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Crystina Venancio (orgs). Destinos das letras história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF. 2002.

FREITAS, Marcus Vinicius de. A literatura na Província: “todos os gêneros”. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage e VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.) A Província de Minas, 2. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Companhia do Tempo, 2013. P.221-235

GIANNETTI, Ricardo. Henrique Bernardelli em Ouro Preto. 19&20. v. IV, n.4, out. 2009

MORAIS, Christiani Cardoso; VILLALTA, Luiz Carlos. Biblioteca nas Minas em tempos de civilização. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage e VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.) A Província de Minas, 2. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Companhia do Tempo, 2013. P.199-220.

OURO PRETO: cidade em três séculos. Bicentenário de Ouro Preto Memória Histórica (1711-1911). Organização, ensaio crítico e linha de tempo de Maria Francelina S.I. Drummond. Ouro Preto: Liberdade. 2011.

REZENDE, Irene Nogueira de. O Paraíso e a Esperança – Vida Cotidiana de fazendeiros na Zona da Mata de Minas Gerais (1889-1930), São Paulo, Ed. Humanitas, 2004

VASCONCELOS, Diogo Pereira Ribeiro de. Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais. Estudo crítico por Carla Maria Junho Anastasia; transcrição e pesquisa histórica por Carla Maria Junho Anastasia e Marcelo Cândido da Silva. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994.